

L'OFFICIEL HOMMES

L'OFFICIEL

BRASIL

Akin Cavalcanti
veste LOUIS VUITTON

escala
JALOU

È AGORA:

A luta por uma moda mais inclusiva,
democrática e politizada!

MUITA GENTE INSISTE EM FICAR PRESA NO SÉCULO 20

Nome forte da arte contemporânea, o curador e art advisor Daniel Rangel conta o que tem feito e quais os planos para o pós-pandemia

Por MARIO MENDES

Perguntado sobre os planos para o futuro, o curador e art advisor carioca Daniel Rangel resume sem pestanejar: “Passar a segunda onda da pandemia aqui em Lisboa, porque o lockdown em Paris, na primeira onda, foi pesado”. De cara, ele passa duas informações – e dono de um bom humor inabalável e no momento conta com mais um ponto de ação na Europa, de onde observa com olhos de água o que vai pelas artes vivazes no mundo – marcadas, como todo o mais, pelo atípico, desafiador e particularmente assustador ano de 2020. “Achoo viver em Paris, mas estava precisando ter um lugar mais perto do mar”, diz sobre a capital portuguesa, onde começou a se estabelecer no final do ano passado.

Também atendendo ao chamado do mar, Daniel se mandou para Veneza – assim que a quarentena deu uma trégua no último verão – para promover um baile de máscaras. Mas calma, nada a ver com um evento escapista de aglomeração desnecessária e irresponsável. “Bal Masqué” foi o título escolhido para um encontro de arte, música e performance durante a abertura da mostra “Laguna Durante – Lockdown”, de Andrew Huston, da qual ele assinou a curadoria ao lado da galerista italiana Beatrice Barati Anderson. No espaço expositivo de Beatrice tudo seguiu as medidas e os protocolos das autoridades sanitárias, com os convidados usando máscaras de proteção devidamente estampadas com imagens das pinturas e fotos apresentadas pelo artista americano – uma contextualização da cidade vazia vista durante o confinamento imposto pela COVID-19. O toque musical da mostra ficou por conta de uma violinista executando uma peça composta por um músico veneziano

durante a pandemia de gripe espanhola, no final da I Guerra Mundial.

“A ideia de estampar as máscaras de segurança me ocorreu a partir da imagem dos médicos da peste, que usavam máscaras estofadas com ervas, durante o surto da peste negra na cidade, no século 14”, explica o curador, lembrando que essa figura, apesar de sombria, deu origem aos mascarados do célebre Carnaval de Veneza e dos concorridos bailes de máscaras promovidos pela aristocracia e a alta sociedade local até o século passado. “Veneza sempre esteve na encruzilhada da civilização, da arte e da cultura, entre o Ocidente e o Oriente, vivendo sob a ameaça de ser tragada pelo mar. É uma cidade que tem tudo a ver com o zeitgeist”, observa Daniel. “A exposição foi também uma celebração a Veneza”, faz questão de frisar.

Carioca, Daniel Rangel foi modelo e jornalista – especializado em arte e arquitetura – antes de seguir os caminhos da curadoria. “Na verdade, não planejei nada, sempre fui muito curioso e a vida foi colocando as coisas na minha frente”, assume.

Daniel não veio ao Brasil há quatro anos, porém a década passada foi de intensa atividade para ele no País. Mostrou os festivais internacionais de cinema e Carnaval carioca dos anos 1950 visto pelas lentes do italiano Willy Rizzo (1928-2013) – o paparazzo original – no Museu da Etnocultura, em São Paulo; a instalação “Walking up in News America”, do fotógrafo americano Robert Heinecken (1931-2006), no MRS paulistano; a projeção multimídia “Cine-dreams”, do cineasta experimental americano Stan Vanderbeek (1927-1994),



no Planetário do Rio de Janeiro; as imagens altamente estilizadas do fotógrafo inglês Miles Aldridge, na Oca, em São Paulo; e, finalmente, as ideias e a verve dadaístas nas fotos de moda do alemão Erwin Blumenfeld (1897-1969), no Museu da Faap, também na capital paulista. Como se não bastasse, ele ainda encontrou tempo para editar o livro “Coco Chanel par Willy Rizzo”, com imagens raras e inéditas dos bastidores da maison, clicadas pelo paparazzo que era casado com uma das modelos favoritas de Mademoiselle, Paule Rizzo. “(...) Uma jornada de amizade que conta a história da evolução não apenas de um, mas do talento de ambos”, escreveu Danniell no posfácio do livro, que nasceu de conversas entre o curador e o fotógrafo que eram bons amigos.

Se por aqui ele exibiu artistas internacionais, em Paris fez o caminho oposto com a curadoria da mostra “Oscar Niemeyer: Souvenirs d’une France”, realizada pouco tempo depois da morte do arquiteto, em 2013. O mote da expo foi o mobiliário desenhado pelo arquiteto, além de apresentar também alguns de seus desenhos e colagens, inéditos. Em 2018, Danniell voltou a passear pelo modernismo brasileiro na mostra “Tropicalismo”, para a Fiac, em Paris, em que as colagens de Niemeyer conversavam com as curvas do mobiliário da arquiteta Charlotte Perriand e do design bossa nova de Zanine Caldas, fazendo contrapontos com Fernand Leger, Jean Arp e Brâncusi.

Ele confessa que vê com reservas a possibilidade de fazer exposições importantes no Brasil atual, não apenas devido às restrições sanitárias. Ao mesmo tempo, não desanima: “A arte é sempre resistente e nos anos 1970, durante a ditadura, houve uma efervescência e uma resistência cultural muito fortes, da Tropicália até as pornochanchadas do cinema”.

Trabalhando muito online no momento, ele está conectado à rede em tempo integral. “A internet é muito barroca, faz todo o mélange do que está acontecendo”, observa. E tem mantido o foco nos serviços de art advisor para coleções particulares, na troca de ideias com outros profissionais do setor e em sua própria coleção. Há dez anos estuda a obra e tem adquirido trabalhos do francês Francis Picabia (1879-1953). “Ele foi o precursor da arte contemporânea e acho que continua subestimado”, avalia.

No mais, é rápido e direto sobre os efeitos de 2020 em nosso próximo capítulo: “A pandemia encostou todo mundo na parede. É um divisor d’água. Ou vai ou racha. Apesar de muita gente insistir em ficar presa no século 20”. E estamos conversados.



Belén Uriel (1974)

Explora as qualidades do vidro em esculturas com formas orgânicas e anatômicas, como visto em sua mostra no Centro de Arte 2 de Maio em Madri, sua cidade natal. [@belenuriel_](https://www.instagram.com/belenuriel_)